

TURISMO E MEIO AMBIENTE

Uma Síntese Geográfica

Antonio Rocha Penteado*

RESUMO: O turismo em suas relações com o meio ambiente é apresentado através de uma visão geográfica desta atividade humana, a partir do estudo dos macro-espacos e das macro-paisagens das áreas continentais da Terra. Passando pelos elementos componentes das macro-paisagens (atmosfera, litosfera, hidrosfera e biosfera) o autor chega às atividades humanas e dentre elas ao turismo, demonstrando suas relações com o meio ambiente físico e cultural, salientando a importância do turismo para a divulgação da necessidade de serem preservadas as condições ecológicas do “planeta-azul”, através de um eficiente e racional planejamento das atividades turísticas.

UNITERMOS: Geografia: macro-espacos: macro-paisagens. Turismo; meio ambiente: ecologia.

ABSTRACT: Tourism and its relations with the environment is presented in a geographical vision of this human activity, beginning by the study of macrospace and macrolandscapes of the continental areas of the world. Analysing the elements of macrolandscapes (atmosphere, lithosphere, hydrosphere and biosphere) the author deals with human activities including tourism pointing out its relationship with the physical and cultural environment, emphasizing the tourism importance the need to preserve the ecological conditions of the “blue-planet” through out an efficient and rational planning of the touristic activities.

KEY WORDS: Geography: macrospace; macrolandscapes. Tourism: environment; ecology.

1 TURISMO E ESPAÇO

O turismo pode ser considerado como um fenômeno geosocial-cultural-econômico; sua análise interessa a diferentes especialistas e qualquer pesquisa séria a respeito de sua atuação no mundo contemporâneo exige a presença de uma equipe interdisciplinar.

(*) Professor Titular. Curso de Pós-graduação. Departamento de Geografia. USP. End. para corresp.: Departamento de Geografia. FFLCH/USP. Av. Prof. Lineu Prestes, 338. Cidade Universitária. CEP 05508-900. São Paulo. SP.

A abordagem do tema aqui proposto vai demonstrar, com certeza, o método geográfico de síntese, colocando o turismo no espaço terrestre, mais precisamente sobre o espaço ocupado pelas terras emersas desse pequeno “planeta-azul”.

A distribuição dessas terras, que constituem os chamados continentes, ocupam apenas 140 milhões dos 510 milhões de km² da superfície do planeta. Agrupam-se de forma pouco homogênea, denunciando fatos importantes da história geológica da Terra que acabam por caracterizar os grandes traços estruturais e morfo-climáticos dos macro-espacos existentes nas atuais áreas continentais.

2 MACRO-ESPAÇOS E MACRO-PAISAGENS

Os mencionados macro-espacos já têm sido estudados por diferentes autores; muito embora não seja esta a finalidade deste artigo, não é possível esquecer, pela importância que teve e ainda possui, a notável obra de Umbgrove¹, na qual esse autor trata das grandes províncias estruturais e morfológicas do globo representadas pelas áreas ocupadas pelas grandes bacias de sedimentação, pelos escudos pré-cambrianos e pelos dobramentos do tipo alpino-andino.

A distinção entre macro-espacos já vinha sendo alvo de outras investigações científicas; quer como unidades, tratadas como grandes paisagens, quer como grandes domínios morfo-climáticos. Em todos esses estudos ressaltava-se a relativa homogeneidade de cada uma dessas áreas no que se refere às condições naturais e fisiográficas nelas apresentadas.

Essa época, bem marcada na história da ciência geográfica, teve grande impulso na primeira metade deste século; todavia, as tentativas de reconhecimento de unidades macro-espaciais-terrestres já tinham tido seu início com Dicearco, discípulo de Aristóteles, de cujos estudos surgiu a idéia da divisão do ecúmeno então conhecido através de “faixas” ou “climas”.²

Mas essas idéias antigas estavam intimamente ligadas à temperatura do ar; por isso o emprego da palavra clima que, significando inclinação, identificava, exatamente, a variação do ângulo de incidência dos raios solares com a superfície encurvada da Terra e, conseqüentemente, o maior ou menor aquecimento do ar das camadas inferiores da troposfera, conforme o local de medição ou de observação.

Foi somente no último quartel do século passado, em 1884, que W.Köppen viu publicado seu famoso artigo correlacionando as condições da distribuição das temperaturas com a vida orgânica na Terra, ou seja mais precisamente, “As zonas térmicas da Terra, segundo a du-

ração do tempo quente, frio ou temperado e segundo o efeito do calor sobre o comportamento orgânico do mundo”³. Provavelmente, esse artigo pode ser considerado como o estudo que originou a divisão e a distribuição das zonas térmicas hoje conhecidas e, seguramente, foi seu autor o primeiro pesquisador a correlacionar a “duração do tempo” com o “comportamento orgânico do mundo”.

Vale a pena destacar os sete conjuntos zonais ou macro-espacos climático-orgânicos identificados por Köppen já em 1884: zona polar; zona fria; zona temperada com inverno; zona temperada com verão quente; zona constantemente temperada; zona sub-tropical; zona tropical.

No já citado texto de Köppen começava-se a traçar, não apenas os quadros climático-botânicos de cada um de seus sete conjuntos zonais mas, também, neles se introduzia, no que se chamava de “comportamento orgânico do mundo”, a distribuição da população e das raças humanas, calcada num determinismo exagerado, então em voga, mas que hoje está inteiramente ultrapassado.⁴

Abreviando uma exposição sobre tal assunto, convém ressaltar ainda que, um magnífico estudo sobre áreas homogêneas, reunindo macro-espacos sob o ponto de vista de uma integração total entre o meio ambiente e o homem, foi apresentado em 1935 e 1943 por Preston E. James. Esse eminente geógrafo distinguiu seus conjuntos homogêneos, não mais se baseando em faixas de latitudes ou zonas climático-botânicas, mas em macro-áreas nas quais a soma de todos os elementos do meio ambiente natural e do ambiente cultural foram fundidos numa unidade, a mais completa possível, dando como resultado final oito grupos de macro-paisagens: as terras áridas; as terras tropicais florestadas; as terras florestadas mediterrâneas; as terras florestadas de latitudes médias; as terras campestres; as terras boreais florestadas; as terras polares; as terras montanhosas.⁵

Essa esquematização das macro-paisagens da Terra constitui um importante passo à frente para a boa compreensão da ocupação do espaço e seu aproveitamento pelo homem; a visão do geógrafo não se prende mais a linhas e círculos imaginários que, até então, definiam zonas climáticas mas, a macro-áreas caracterizadas por paisagens diferenciadas capazes de serem distinguidas, umas das outras.

Antevia-se a inter-relação existente entre os elementos componentes dos macro-espacos-paisagísticos; ampliava-se a conceituação do espaço para que ele pudesse conter todas as condições ambientais do meio cultural.

3 ELEMENTOS COMPONENTES DAS MACRO-PAISAGENS

Quais seriam os elementos componentes dessas macro-paisagens terrestres? Em resumo elas representam, em síntese, conjugação harmônica de quatro elementos importantes: a Atmosfera; a Litosfera; a Hidrosfera; e a Biosfera.

Na atmosfera há grande interesse pelas condições do tempo e do clima, da circulação atmosférica, da composição e dos característicos físicos da troposfera, da estratosfera, da hidrogenada e da ionosfera.

Já na litosfera, são as condições litológicas, a composição das diversas rochas, o manto de decomposição de rochas, os solos e seus diferentes tipos, o sub-solo e os recursos minerais e as formas do relevo terrestre, entre outros fatos, que merecem a maior atenção.

A hidrosfera possui as águas de superfície, tais como as dos rios, dos lagos e das lagoas, as águas subterrâneas, o gelo, os mares, os oceanos.

Finalmente, na biosfera se encontram a vegetação natural e sua distribuição geográfica, os animais nativos e diversos tipos de habitat e a vida orgânica, enfim, desde os microorganismos até os mais evoluídos seres vivos, inclusive o homem e suas atividades.

Há, por certo, uma inter-relação entre todos os elementos citados; as condições ambientais não existem por mera coincidência mas, sim, por ordenamento natural que mantém nessas macro-paisagens, sistemas e sub-sistemas nos quais o relacionamento entre seus diversos componentes definem uma vida de relação ou de um estado de equilíbrio do qual até o próprio ser humano participa, direta ou indiretamente.

São bastante conhecidas as expressões ligadas ao estudo dessas condições, que a partir dos anos cinquenta passaram a ter grande desenvolvimento entre nós como ecologia, ecologia vegetal, ecologia animal, ecologia humana, ecologia social, ecossistemas etc...⁶

O meio ambiente do geógrafo tomado na significação mais ampla dessa expressão contém, portanto, concomitantemente, a natureza e o homem; o “planeta-azul” é a nossa casa que o vocábulo *eco* sintetiza magnificamente e que precisa de limpeza, asseio, higiene, restauro, conservação etc, para que não se perca em calamitoso estado de abandono que o levará a sua total destruição pelo homem - paradoxalmente, o único ser racional que o habita.

4 ATIVIDADES HUMANAS E PAISAGENS

As atividades humanas desenvolvidas naqueles macro-espacos já citados são as mais variadas possíveis, desde que o homem deixou as cavernas e as frágeis choças de ramagens e habitações em palafitas - a humanidade conheceu um progresso considerável.

Este não é, também, o objeto deste artigo mas convém lembrar que o homem tem atuado na face da Terra, imprimindo-lhe fortes traços de sua presença, por vezes até desastrosas para o meio ambiente.

Qualquer manual de Geografia ilustra estes fatos, tais como: construtor de habitações, sempre retirou do meio ambiente quase todo o material necessário para suas moradias, salvo aquele derivado das indústrias químicas; construiu vilas e cidades, edifícios, alterou as paisagens da região onde se instalou; construiu estradas, rodovias, ferrovias e criou e ampliou sistemas de circulação terrestre, fluvial, lacustre e marítima; introduziu culturas intensivas de cereais e outros produtos comerciais utilizando técnicas aperfeiçoadas, corrigindo, por exemplo, as deficiências naturais dos solos cultiváveis; criou mercados consumidores que justificaram a exploração destrutiva da cobertura florestal de muitas áreas do planeta; arrasou formas topográficas e geológicas à procura de minérios, minerais e petróleo, deixando profundas cicatrizes como marcas indeléveis de uma ganância sem limites; e cansado, mas empolgado pela aventura, soube como arranjar tempo livre e recursos financeiros para se dedicar à busca de atividades de recreação e lazer e, *porque não dizer, de turismo?*

5 TURISMO COMO ATIVIDADE HUMANA

Este é um ponto a ser considerado e de importância extraordinária para a época atual: o turismo como atividade desenvolvida pelo homem moderno. O desenvolvimento dessa atividade foi facilitado por três fatores básicos que contribuíram concomitantemente para o sucesso da mesma:

- a) a evolução científica e tecnológica que a humanidade conheceu após a revolução industrial;
- b) o aparecimento de novos sistemas de trabalho e de relacionamento entre empregadores e empregados;
- c) o hábito das classes trabalhadoras de guardar e poupar suas pequenas economias.

A ciência e a tecnologia ofereceram ao turismo a possibilidade de resolver o problema do acesso às regiões procuradas para estadias mais ou menos prolongadas, com o emprego de trens e navios melhores, além da construção de rodovias, dos progressos dos veículos a mo-

tor e do uso, cada vez mais disseminado, dos transportes aéreos. Em resumo, o hábito de viajar vulgarizou-se: tornou-se mais rápido, mais cômodo, mais fácil, melhorando o aproveitamento do tempo livre de que dispunha o viajante que, em sua grande maioria, tinha dificuldades em poder se locomover por longas e péssimas estradas ou demoradas viagens em embarcações à vela.⁷

É inegável, também, o que o desenvolvimento científico e tecnológico ofereceu ao turismo: construções melhores, grandes hotéis, garantia de abastecimento; com esse desenvolvimento veio também um maior aproveitamento das fontes de energia e o conseqüente conforto por elas oferecido.

O tempo livre conquistado com duras lutas sociais encurtou o horário de trabalho, criou condições de férias para todos e gerou uma expectativa de viagens para a classe média, coisa que só era oferecida à mais alta classe para a qual nunca houve tal problemática.

As economias, recursos financeiros cuidadosamente poupados para serem gastos nessas viagens, originaram-se do hábito de guardar para futuramente poder aproveitar. É claro que esta situação hoje está muito alterada, graças aos mecanismos econômicos financeiros e de crédito existentes no mercado.

Quem pratica o turismo é principalmente uma pessoa que toma uma atitude *voluntária*, uma vez que ninguém pode ser obrigado a ser turista. Quem o faz, participa de um movimento demográfico horizontal temporário, de um lugar para outro, retornando quase sempre ponto de partida. Esse deslocamento não é feito sempre, e obrigatoriamente para os mesmos locais anteriormente visitados, o que o caracteriza como uma atitude *aleatória*. Ainda, quem o pratica nada recebe como pagamento havendo, portanto, um caráter *não-profissional* neste ato de se deslocar para outros lugares a partir de seu domicílio.

Muito embora, em suas linhas gerais, possa ser caracterizado como um movimento sazonal, ele é mais rico por fugir do ritmo das estações-do-ano, graças ao aproveitamento dos feriados prolongados e dos fins-de-semana para deslocamentos mais rápidos em distâncias mais curtas, como é o caso da questão da segunda residência.

Assim, os turistas tornam-se personagens estranhos às áreas que visitam; provocam, direta ou indiretamente, um choque cultural com os habitantes dos lugares por onde passam.⁸ Nisto reside, para muitos turistas, um dos aspectos mais interessantes de suas viagens e eles nem imaginam os problemas que podem ter causado às populações locais⁸, pois o que se deseja, conforme o caso, é fugir do frio e procurar o sol, sair da montanha e ir para a praia, deixar a cidade e procurar a neve ou, então, buscar o inusitado como o “Sol da meia-noite”, a “Costa do Sol”, os “Festivais de Inverno”, o “Vale dos Reis”, o “Carnaval do Rio”, a “Estrada Romântica” etc.

Tudo isto exige que sejam tomadas muitas medidas específicas, pois o fluxo turístico acaba criando uma população flutuante que, muitas vezes, ultrapassa a população residente de uma determinada localidade ou região gerando problemas de toda a sorte.⁹

Daí a necessidade prioritária de se conhecer detalhadamente as condições das áreas receptoras de turistas e o que os mesmos desejam encontrar nas mesmas, para evitar ou minimizar problemas e frustrações decorrentes, quase todas, da ausência de um planejamento adequado ao turismo.^{8,10}

6 TURISMO E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

Um planejamento adequado às atividades turísticas e suas relações com o meio ambiente, de acordo com o que foi exposto neste artigo, deve levar em consideração duas premissas básicas:

- a) a organização racional do espaço de maneira a não causar danos irreparáveis aos elementos componentes do meio ambiente;
- b) o indispensável apoio da iniciativa privada como a grande mola propulsora dessa fonte de renda.

No primeiro caso inclui-se toda uma legislação específica a partir da Carta Magna de cada país, como é o caso do Brasil¹¹; com base nesta legislação e de acordo com as condições ambientais de cada área faz-se necessário dotá-las através da atuação dos poderes públicos, da indispensável infraestrutura, com vias de acesso, saneamento básico, abastecimento d'água potável, limpeza e higiene, energia etc, obedecendo normas e estabelecendo diretrizes próprias de um *plano-diretor*, para se prever o atendimento de uma população flutuante "X" que, assim, poderá ter melhores condições para hospedagem, alimentação e lazer.

À iniciativa privada deve caber, sempre obedecendo à orientação do plano-diretor, a construção e exploração comercial dos hotéis, "shoppings", condomínios horizontais, bancos, áreas de lazer etc., cabendo aos poderes públicos a parte referente aos serviços administrativos.

Trata-se de uma operação que exige grandes investimentos; é inevitável o confronto entre investimentos públicos e privados. Mas, tal confronto não deverá ter vencidos nem vencedores se for encontrada uma solução amigável que, levando em conta os aspectos dessa problemática, direta ou indiretamente relacionados na síntese aqui apresentada, reconheça ser inteiramente possível preservar as condições do meio ambiente físico e cultural das áreas que interessam ao desenvolvimento de atividades turísticas.

Isto significa, pode-se afirmar, que o turismo devidamente *disciplinado* não ocasiona danos irreparáveis às condições ecológicas do meio ambiente, apesar de ser uma atividade antrópica; ela é muito menos danosa, neste particular, do que outras atitudes do homem e de suas empresas e empreendimentos como, por exemplo, a mineração e o extrativismo vegetal, ainda, a pesca aniquiladora de importantes reservas biológicas.

Nem todas as atividades humanas são perniciosas e predatórias do meio ambiente e, conseqüentemente, da ecologia do "planeta-azul"; mas, os geógrafos sabem muito bem a que extremos chegam a poluição ambiental, a destruição da natureza, a deterioração do meio ambiente ou ao rompimento do equilíbrio ecológico dentro dos já mencionados conjuntos de macro-áreas, ou de macro-paisagens da Terra. Por isso compreendem o sentido da luta contra a destruição das condições ecológicas, deflagrada a partir dos anos cinquenta e hoje tão em moda; mas é preciso não esquecer que essa batalha faz parte de uma tremenda guerra iniciada há muitos séculos pelos mesmos contendores: o homem e a natureza.

Sem dúvida alguma, a denominada marcha da civilização, a evolução da ciência e tecnologia, as guerras e os conflitos mundiais, *aceleram* as práticas de destruição da nossa própria morada - o nosso ECO -; e, paradoxalmente, não foram os habitantes menos afortunados, do pejorativamente chamado terceiro mundo e mundo sub-desenvolvido, os autores dessa incrível proeza.

Resta saber se, o turismo como forma de atividade típica do homem moderno, não irá causar mais desastres do que sucessos perante as condições de uma ecologia já um tanto ou quanto combatida por obra e graça de civilizações do homem boreal das latitudes médias e mediterrâneas.

Também não se tem dúvidas de que a atividade turística pode provocar impactos ambientais; direta ou indiretamente tais impactos na maioria das vezes *não são irreparáveis* como outros provocados pelo homem e podem ser minimizados ou totalmente anulados se houver uma conveniente disciplina entre demanda e oferta turística.

7 TURISMO E ECOLOGIA

O sentido ecológico que se deseja atribuir para as atividades turísticas possui um duplo aspecto; o primeiro é chamar a atenção dos partícipes para o lado educativo e a necessidade de zelar pela preservação ambiental; o segundo é propagar a idéia de que a atividade turística não colabora com outras que geram a destruição da natureza.

Daí o uso das expressões *Ecoturismo* e *Turismo Ecológico*, consideradas redundantes uma vez que, não existe quem em sã consciência divulgue a prática de um turismo anti-ecológico, ou seja, de atividade turística preparada para causar estragos às condições ecológicas de determinada área ou lugar. Se alguma empresa ou empresário comete erros clamorosos na implantação de qualquer projeto turístico, o turista não tem culpa alguma e ele mesmo, de acordo com seu nível de educação, constatará o lamentável fato e suas desastrosas consequências.

Assim sendo, o turismo tornou-se não apenas um elemento de divulgação e de defesa das condições ecológicas de áreas ou lugares situados nos macro-espacos e nas macro-paisagens terrestres, como também constituiu-se em importante aliado na luta que se desenvolve para impedir qualquer degradação da biosfera e o rompimento do equilíbrio ecológico, por vezes muito frágil, como ocorre na faixa tropical da Terra e entre nós, na Amazônia Brasileira.¹²

Essas idéias poderão ser ou não confirmadas através da realização de muitos estudos de casos situados em áreas e lugares diferentes dos macro-espaço já citados, inclusive em território brasileiro no qual parte do corpo docente do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da ECA já efetuou e tem publicado várias pesquisas e possui, ainda, outras em pleno desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. UMBGROVE, J. A. F. *The pulse of The Earth*. HAIA, M. Nijhoff, 1947, 385 p.
2. FEVRE, Joseph. *Petite histoire de la géographie*. Paris, 1958, 18 p.
3. KÖPPEN, W. apud *Meteorologie Zeitung*, 1884, 215 p.
4. PENTEADO, Antonio Rocha. De Trópico a Mundo Tropical (A evolução de um conceito). *Anuário da F. F. Sedes Sapientiae*. São Paulo, 1961-62, p. 117-125.
5. JAMES, Preston E. *In outline of Geography*. Boston, Ginn and Company, 1943.
6. CHARBONNEAU, J. P. et ali. *Enciclopedia de ecologia*. São Paulo, EDUSP, 1979.
7. PIRES, Mario Jorge. *Hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX: raízes do turismo no Brasil*. São Paulo, ECA/USP, 1991, 181 p. (Tese de Doutorado).
8. TULIK, Olga. Turismo e repercussões no espaço geográfico. *Turismo em Análise*. São Paulo, vol. 1, nº 2, p. 63-67, nov. 1990.
9. MONSALVE, Javier Jorge Gomez. El turismo y su impacto en el medio ambiente litoral de la comuna de Cartagena - Chile. *Revista Geografía*. São Paulo, n. 81, p. 87-103, 1989-90.
10. YOUNG, G. *Tourismo, blessing or blight?*. Ed. Penguin, Londres, 1973.
11. MARTINS, Ives Gandra da Silva. Turismo na Constituição Brasileira. *Turismo em Análise*. São Paulo, vol. 2, nº 1, p. 71-74, maio 1991.
12. PENTEADO, Antonio Rocha. O homem e o equilíbrio ecológico regional na Amazônia Brasileira. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v. 25, p. 3-21, 1974.